

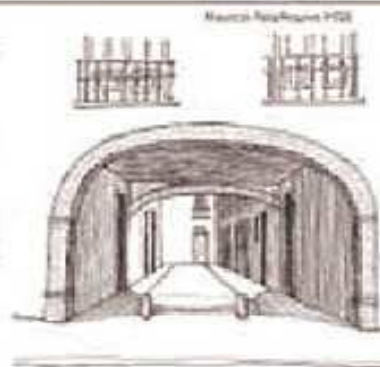


SEGUNDO CADERNO

Instituto Inhotim, em Minas, oferecerá, em abril, um curso internacional para futuros curadores de arte.

GLOBINHO

Crianças visitam Instituto Oswaldo Cruz e aprendem a evitar mosquito da dengue.



PROSA & VERSO

Obra clássica de José Vieira Fazenda com 553 textos sobre o Rio, escritos de 1895 a 1914, é reeditada após mais de 50 anos.

Um trecho exclusivo do novo romance de Valtter Hugo Mãe.

OBITUÁRIO

• Aziz Ab'Saber, um dos mais renomados geógrafos do Brasil e do mundo, aos 87 anos. **Página 20**



HISTÓRIA

Novos estudos dizem que a Igreja foi sempre contrária ao racismo, mesmo quando silenciou. **Página 34**

Pará usa Anistia e não reabre caso Curió

• O juiz federal João Ottoni de Matos, de Marabá (PA), rejeitou ontem a denúncia do Ministério Público contra o coronel Sebastião Curió, acusado de seqüestrar cinco militantes na ditadura. Para Matos, a Lei de Anistia impede a investigação de crimes daquele período. Já a ONU pediu que a Justiça do Brasil apure esses casos. **Página 3**

Braga: Dilma vai confrontar 'velhas práticas'

• O novo líder do governo no Senado, Eduardo Braga (PMDB-AM), disse que a ordem da presidente Dilma é enfrentar "antigas práticas políticas" no Congresso e atrair parlamentares éticos para sua base. **Página 11**

Emprego com carteira tem queda recorde

• A criação de empregos formais recuou 26,5% em fevereiro e teve o pior resultado para o mês desde 2009, quando o país foi abalado pela crise de 2008. Malores, quedas foram no comércio e na agricultura. **Página 24**

Juro de cheque especial do BB pode cair a 3%

• Como parte do pacote do governo para estimular a economia, o Banco do Brasil anunciou semana que vem um corte nos juros de 50%, em média. A taxa do cheque especial pode cair de

Nas nossas costas

Procurador pede indiciamento criminal de diretores da Chevron

Especialistas suspeitam que vazamento seja maior que o informado pela empresa

• Um dia depois de a Chevron anunciar um segundo vazamento de petróleo na Bacia de Campos, o procurador Eduardo Santos de Oliveira, do Ministério Público Federal, decidiu denunciar criminalmente os responsáveis pelo acidente. A gigante americana afirma que apenas cinco litros de petróleo vazaram de uma fenda de 800 metros no solo marinho entre os dias 5 e 13 de março, mas especialistas

duvidam da versão. Eles suspeitam que o incidente pode estar ligado ao primeiro derramamento da Chevron na região, há quatro meses, a três quilômetros do local. Na ocasião, 2,4 mil barris jorraram no oceano. Uma das hipóteses dos técnicos é de falha na cimentação do poço do primeiro vazamento, por onde o petróleo pode ter se infiltrado. O Itama notificou a petroleira e quer, até terça-

feira, explicações sobre o que fez para conter o derramamento. A Agência Nacional de Petróleo (ANP), por sua vez, aguarda informações adicionais pedidas à Chevron para autorizar a suspensão da produção no país. Marinha, Itama e ANP se reúnem, na quarta-feira, para avaliar a atuação da Chevron no caso. Pelo primeiro vazamento, a empresa pode ser multada em até R\$ 150 milhões. **Página 23**



BLATTER E DILMA, observados por P&F, dão as mãos, firmando compromisso de que trabalharão juntos para realizar a maior Copa do Mundo

Blatter sela paz e recebe promessas

Presidente da Fifa tem garantia do governo de que país cumprirá acordos e Copa será sucesso

• A presidente Dilma Rousseff e o presidente da Fifa, Joseph Blatter, selaram a paz e fizeram aceno para trabalhar pelo sucesso da Copa 2014. Governo e parlamentares prometeram cumprir todos os compromissos com a Fifa, mas evitaram entrar em detalhes sobre a negociação de temas polêmicos. **Caderno Esportes**



Prefeitura dificultará bancos em Ipanema

• Abrir uma farmácia ou uma agência bancária em Ipanema vai ser, a partir da semana que vem, uma tarefa hercúlea — tal como já vale para o Leblon desde dezembro. Para tentar preservar a ambiência cultural do bairro, a prefeitura publica segunda-feira polêmico decreto estabelecendo regras mais rígidas para o licenciamento do comércio de rua. **Página 14**

ANGELINO GOIS

• Grupo de Minas vai assumir a Universidade Santa Ursula, no Rio, fundada há 12 anos. **Página 18**

Chacina expõe estresse de tropas dos EUA

• O massacre de 16 civis por um sargento na Af-

Há 75 anos, no Domingo de Ramos de 1937, dia 21 de março, a Igreja Católica conseguiu driblar a Gestapo distribuindo em toda a Alemanha uma encíclica que definia um posicionamento claro contra o ditador Adolf Hitler e a sua política racista. Em "Mit brennender Sorge" ("Com profunda preocupação", em português), a única encíclica já escrita em alemão, a Igreja — que anos antes havia assinado um acordo com o regime nazista, chamado Concordata — levantou pela primeira vez a sua voz contra o fim das liberdades e as prisões em massa que aconteciam há quatro anos na Alemanha. Novos estudos indicam que esta mudança de posição em relação ao regime seria mantida mesmo no papado seguinte, de Pio XII, que entrou para a História como o líder católico que silenciou diante do extermínio dos judeus.

A encíclica de 1937, que criticava também o culto à figura do ditador, foi lida em todas as igrejas do país naquele domingo. Hitler ficou furioso. Entre as Waffen SS, as mais sangrentas tropas do regime, os mais radicais queriam mandar prender e executar todos os bispos alemães por "alta traição". No final, o regime resolveu adotar uma posição menos rigorosa, mandando confiscar os exemplares do texto, prender padres que o liam ou fechar tipografias que o imprimiam.

Segundo o historiador René Schlott, da Universidade de Gießen, os nazistas não reagiram de forma mais brutal por orientação do perspicaz Joseph Goebbels, o ministro da propaganda.

— A ditadura tinha ainda apenas quatro anos e os nazistas não queriam, nessa fase, comprar uma guerra aberta contra parte da população, o que só fora fazer mais tarde — afirma.

A encíclica marcou também uma mudança de posição do Vaticano para com o regime nazista. Em janeiro, o Papa Pio XI convidou os bispos alemães para uma reunião, na qual encomendou ao cardeal Michael von Faulhaber a redação da encíclica. Schlott afirma que o Papa teria se arrependido da Concordata e queria manifestar à população sua aversão ao regime. Negociada com a ajuda do então

Novos estudos revelam que Igreja teria sido sempre contrária ao nazismo, mesmo quando silenciou

cardeal Eugenio Pacelli (que a partir de 1939 se tornaria o Papa Pio XII), a Concordata foi assinada em julho de 1933, meses depois da ascensão de Hitler ao poder, e era vista pela Igreja com um meio de garantir a sua sobrevivência no regime autoritário. Na verdade, porém, o acordo teve o efeito de quebrar o isolamento internacional do regime. O Terceiro Reich tirava proveito do reconhecimento internacional que obteve graças ao acordo com a Igreja.

"Tudo o que tome a raça, o povo ou o Estado (...) como elementos fundamentais da sociedade e os divinize com culto idólatrico perverso

e falsifica a ordem criada e imposta por Deus", dizia a nova encíclica, redigida em apenas 72 horas. Faulhaber escreveu à mão para evitar que um número maior de pessoas tomasse conhecimento do projeto. Depois de impresso no Vaticano, o documento foi transportado por emissários da Igreja para Berlim, de onde foi distribuído para mais de dez mil igrejas do país sem que a Gestapo tomasse conhecimento da ação.

— Ao receber os textos, os sacerdotes o guardaram no altar até o dia planejado para a sua divulgação na missa de domingo — conta Schlott.

Cada igreja recebeu duas cópias do documento, para garantir que, mesmo no caso de uma eventual perda, o texto fosse lido simultaneamente, no mesmo dia e na mesma hora. Segundo o historiador, o projeto da encíclica de Pio XI foi "a ação mais espetacular do Vaticano durante toda a ditadura nazista". Nada menos que 300 mil cópias de um texto que criticava abertamente Hitler foram distribuídas em uma época em que criticar o ditador já era um motivo de condenação à morte.

Mas a ação secreta do Vaticano contra Hitler quase terminou em um fracasso e massacre dos seus

envolvidos. Um dia antes do Domingo de Ramos, no sábado, dia 20 de março de 1937, a Gestapo recebeu uma cópia da encíclica, fornecida por delatores.

— Como era impossível, em poucas horas, confiscar o documento em mais de dez mil igrejas espalhadas por toda a Alemanha, os agentes da Gestapo tentaram atrapalhar a leitura do documento apenas em algumas cidades — afirma Schlott.

Mesmo assim, a encíclica teve um efeito estrondoso. Os devotos, até os protestantes, ficaram satisfeitos ao ver como a Igreja tomava partido contra o regime, como relatou mais tarde o cardeal Faulhaber no Vaticano. Mas houve também católicos adeptos do regime que manifestaram irritação, e se afastaram da Igreja. Nada menos que 108 mil pessoas solicitaram oficialmente o desligamento da Igreja Católica alemã.

Dias depois da leitura, os nazistas investiram com toda a fúria contra o que julgavam uma audácia. Mais de mil sacerdotes foram presos, sendo que 300 foram deportados para um campo de concentração. Organizações e escolas católicas foram fechadas. Na sua residência de Obersalzberg, na Baviera, Hitler reagiu dizendo: "Se procuram, através de qualquer encíclica, assumir poderes que são do Estado, vão ser pressionados a voltar a sua atividade espiritual."

Se Pio XI não tivesse morrido, no início de 1939, o Vaticano teria insistido mais na política de confrontação, sustentam historiadores. Já no seu leito de morte, ele ordenou a redação de uma outra encíclica, que entrou para a História como "a encíclica escondida de Pio XI". O documento, redigido por dois jesuítas, denunciava o antisemitismo fanático e o culto ao estado totalitário, mas foi engavetado com a morte do Pontífice. Seu sucessor, Pio XII, foi várias vezes acusado de ter sido conivente com o regime. Novos estudos mostram, no entanto, que não só tinha a mesma posição de Pio XI, como teria, inclusive, ajudado muitos judeus.

— Só com a abertura dos arquivos do Vaticano, dentro de alguns anos, será possível desvendar o enigma de Pio XII, que silenciou embora fosse também contra a ditadura — conclui Schlott.

CORPO A CORPO

THOMAS BRECHENMACHER

Arquivo de Pio XII será divulgado em dois anos

• Para o historiador Thomas Brechenmacher, autor de "O Vaticano e os judeus", a postura de Pio XII em relação ao nazismo poderá ser revista com a abertura dos arquivos do Vaticano sobre o seu pontificado, dentro de dois anos. "Finalmente vamos compreender os motivos que levaram Pio XII ao seu silêncio", afirmou ele, da Universidade de Potsdam.

• O GLOBO: Com a encíclica de 1937, o Vaticano divulgou a sua posição mais crítica contra o regime de Hitler. Por que a igreja silenciou a partir de 1939, durante o pontificado de Pio XII?

THOMAS BRECHENMACHER: Não há dúvida de que Pio XII, que ainda como cardeal Pacelli atuou na elaboração da encíclica de 1937, silenciou mais tarde em relação aos crimes da ditadura nazista. Parece também estranho, para a posteridade, ele ter resolvido não publicar a última encíclica do Papa Pio XI, elaborada entre 1938 e 1939, que ficou engavetada após a sua morte, em fevereiro de 1939. Com o documento, a Igreja queria levantar a sua voz contra a ideologia fascista, também na Itália. Mas eu não concordo com alguns críticos que afirmam que Pacelli foi motivado por um certo antijudaísmo. Do ponto de vista religioso, havia na Igreja uma tradição antijudaica, mas Pacelli — que era um diplomata e conhecia a Alemanha muito bem, pois tinha sido núncio apostólico em Berlim — agiu por motivos pragmáticos. Uma resposta exata teremos a chance de ter quando forem abertos os arquivos do Vaticano rela-

tivos ao seu pontificado. Eu diria, pelo que conheço, que ele queria evitar que os nazistas perseguissem ainda mais os católicos alemães.

• Pacelli, de uma família aristocrata italiana, não teria sido menos ofensivo em relação aos nazistas por causa do seu anticomunismo?

BRECHENMACHER: No início, sim. Mas depois ele viu que as duas formas de extremismo eram igualmente desumanas. E que os nazistas estavam exterminando os judeus. Ele tinha conhecimento dos trens da deportação. Acho que ele queria, naquela situação insustentável, escolher a única opção possível para garantir a continuação da Igreja como instituição na Alemanha. Vale lembrar que, em reação à encíclica de 1937, os nazistas iniciaram uma onda de perseguição. Mas o Vaticano não ficou inteiramente indiferente. Por ordem de Pio XII, por exemplo, os mosteiros foram abertos para abrigar judeus e outros perseguidos. Como cardeal e como papa, Pacelli era contra qualquer tipo de regime totalitário ou religião racista.

• Por que a Igreja silenciou sobre esse capítulo sombrio da sua história depois da guerra?

BRECHENMACHER: Claro que houve erros. O Vaticano pediu perdão pela omissão dos católicos durante o Holocausto. Mais vamos saber com a abertura dos arquivos ainda secretos do Vaticano, dentro de dois anos. Finalmente vamos poder compreender os motivos que levaram Pio XII ao seu silêncio que tanto criticamos.